

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DAS MESORREGIÕES DO BRASIL ENTRE 1985 E 2010

*Carolina Carvalho Garcia de Souza¹
Lucir Reinaldo Alves²
Moacir Piffer³*

RESUMO

Após 1930 o Brasil passou por diversas etapas de reestruturação produtiva, no início pautada principalmente na industrialização e em seguida com o aumento expressivo da participação do setor de serviços. O setor agrícola perdeu participação na ocupação de mão de obra mas continua a ser importante na geração de riquezas. Diante destes fatos, o presente artigo analisou a reestruturação produtiva entre 1985 e 2010, assim como as especializações das mesorregiões brasileiras neste período. Para tanto, foram utilizados coeficientes de localização e especialização a partir da variável mão de obra ocupada por setores econômicos, e uma base teórica sustentada por autores da economia regional. Constatou-se que as mesorregiões que mais se reestruturaram no período localizavam-se principalmente no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. Além disso, todas essas mesorregiões que apresentaram forte reestruturação consolidaram suas especializações ou se tornaram especializadas na atividade de administração pública em 2010; as mesorregiões que menos se reestruturaram, por sua vez, já apresentavam uma estrutura produtiva bastante diversificada em 1985, mantendo-se multiespecializadas em todos os anos analisados.

Palavras-chave: Atividades econômicas. Diversificação. Especialização. Reestruturação produtiva.

¹Economista. Mestranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Campus Toledo – Paraná. Brasil. E-mail: carol.carvalho5@hotmail.com

²Doutorando em Geografia no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil (UNIOESTE/Campus Toledo). Pesquisador do Grupo de Pesquisas em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (GEPEC). Bolsista da CAPES, Brasil, Proc. Nº BEX 1007/12-2. Paraná. Brasil. E-mail: lucir_a@hotmail.com e lucir.alves@unioeste.br

³Doutor em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil. Professor titular da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, colegiado de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA). Membro do grupo de pesquisa GEPEC. Paraná. Brasil. E-mail: mopiffer@yahoo.com.br e moacir.piffer@unioeste.br

PRODUCTIVE RESTRUCTURING OF THE MESOREGIONS OF BRAZIL FROM 1985 TO 2010

ABSTRACT

After 1930 Brazil passes through by several stages of productive restructuring, first with the industrialization and then with the significant increase of the share of the service sector. The agricultural sector lost share in the occupation of labor but remains important in the generation of wealth. Given these facts, this paper analyzed the productive restructuring between from 1985 to 2010, as well as the specialization of the Brazilian mesoregions in this period. We used location and specialization coefficients and as variable the employed people by economic sectors, and a theoretical basis supported by the authors of the regional economy. It was found that the mesoregions that most restructured from 1985 to 2010 were located mainly in the Northeast and Midwest. In addition, all those mesoregions which had strong restructuring consolidated their specializations or became specialized in the activity of public administration in 2010. The mesoregions which less restructured, in turn, had already presented a diversified production structure in 1985, remaining multi-specialized in all years analyzed.

Keywords: Diversification. Economic activities. Productive restructuring. Specialization.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o setor primário é uma das principais atividades econômicas do país desde a sua colonização. Desde a época Colonial (1500-1822), passando pelo período Imperial (1822-1889) até a República Velha (1889-1930), a economia brasileira dependeu quase que exclusivamente do bom desempenho de suas exportações, as quais, durante todo o período, restringiram-se a algumas poucas commodities agrícolas. Esse fato caracterizava o Brasil como uma economia agroexportadora (GREMAUD, 2002).

Segundo o mesmo autor, o setor secundário, por sua vez, desenvolveu-se mais recentemente. Em meados dos anos de 1930, o Brasil passou por um forte processo de industrialização, que se deu em parte pelo modelo de substituição de importações. Porém, esse processo não se fez em todas as atividades industriais, visando primeiramente apenas atender a demanda interna de bens não duráveis. O auge da industrialização brasileira se deu de fato na década de 1950, com o Plano de Metas adotado no governo Juscelino Kubitschek, estimulando também o desenvolvimento da produção de bens intermediários, de consumo duráveis e de capital.

A partir dos anos 1970, o Brasil passou por um intenso processo de tecnificação e modernização da agricultura, provocando a difusão da urbanização e reestruturando a base produtiva das regiões. Essas reestruturações impactaram no desenvolvimento de outros segmentos econômicos, determinando que os setores urbanos ampliassem significativamente sua participação na produção econômica regional (ALVES, 2008).

Aliado às mudanças macroeconômicas que ocorreram na economia, assim como a mudança no perfil da divisão social do trabalho e na distribuição espacial das atividades produtivas, surgiram novas formas de acumulação de capital. Essas, por sua vez, impactaram

também na regionalização da divisão social do trabalho, da reprodução da força de trabalho e na concentração das atividades produtivas fortalecendo os centros urbanos. Já nas áreas rurais os impactos se sucederam na transição de um estilo de produção extensivo, baseado na incorporação de novas terras, para um estilo mais intensivo baseado na modernização, tecnificação e industrialização da agricultura, que afetaram a estrutura fundiária, as relações de produção indústria - produtor, a pauta de produtos cultivados, os sistemas agrícolas, o habitat e a paisagem rural e as densidades demográficas rurais (CORRÊA, 1986).

Nesse contexto, o presente estudo pretende, em primeira instância, analisar essas desigualdades entre as estruturas produtivas das mesorregiões do Brasil, mostrando como as atividades econômicas se distribuem espacialmente no território brasileiro. Além do mais, considerando que, ao longo do tempo, algumas regiões se tornaram mais dinâmicas que outras, também se pretende identificar quais as mesorregiões que mais se beneficiaram nesse processo.

FORMAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS NO BRASIL

De acordo com Clemente e Higachi (2000), a indústria é considerada o setor dinâmico por excelência, porque exerce fortes efeitos sobre as demais atividades econômicas. Assim, é preciso conhecer um pouco como se deu o processo de industrialização no Brasil para, assim, juntamente aos demais conhecimentos adquiridos, entender o crescimento e desenvolvimento das demais atividades econômicas.

Antes da efetiva introdução da atividade industrial no Brasil, o país se caracterizava como uma economia agroexportadora, ou seja, dependia quase que exclusivamente da renda gerada pelas suas exportações para mover o resto de sua economia. Essas exportações, por sua vez, restringiam-se a poucas *commodities* agrícolas. Durante o período Imperial e a República Velha, o principal produto exportado era o café (GREMAUD, 2002).

Essa economia agroexportadora entra em colapso a partir de 1930 com a Grande Depressão de 1929-1930. A transição definitiva de uma economia agroexportadora para uma economia urbano-industrial moderna tornou-se a característica principal desse novo período. Designado como industrialização por substituição de importações, esse período, do ponto de vista ideológico, passou a ser conhecido como nacional-desenvolvimentista (SOUZA, 2008).

O processo de industrialização brasileiro ficou conhecido como “industrialização por substituição de importações” porque o país passou a produzir internamente primeiro os produtos que antes eram importados. Esse modelo de industrialização, atrelado aos acontecimentos que o favoreceram, colocou fim no modelo econômico agroexportador.

Nas palavras de Gremaud (2002, p. 360) a maneira como o Brasil fez frente à crise, provocou o que Furtado chamou de deslocamento do centro dinâmico da economia brasileira, ou seja, o elemento essencial na determinação do nível de renda da economia brasileira deixou de ser a demanda externa, e passou a ser a atividade voltada ao mercado interno, mais precisamente o consumo e o investimento doméstico. Esse deslocamento ocorre em função da crise e da resposta à crise dada pelo governo de Getúlio Vargas.

Conforme destaca Gremaud (2002), o processo de industrialização brasileiro por substituição de importação caracterizava-se como industrialização por etapas, ou seja, a pauta de importações ditaria a sequência dos setores objeto dos investimentos industriais.

Castro (1980, p.89 e 96) ressalta que as primeiras atividades industriais estavam associadas à oferta de matérias-primas. Já, a partir dos anos 30, verifica-se uma profunda mudança na composição setorial da indústria brasileira. Passam a crescer pouco os ramos produtores de bens de consumo e se aceleram aqueles que produzem bens intermediários e equipamentos.

O processo de industrialização por substituição de importações caracterizava-se pela ideia de construção nacional, ou seja, alcançar o desenvolvimento e a autonomia com base na industrialização, de forma a superar as restrições externas e a tendência à especialização na exportação de produtos primários. Nesse processo, a indústria vai se diversificando e diminuem as necessidades de importação em relação ao abastecimento doméstico (GREMAUD; VASCONCELLOS; TONETO JÚNIOR, 2009).

O Plano de Metas adotado no governo Juscelino Kubitschek pode ser considerado o auge desse período da industrialização brasileira. O objetivo do plano era estabelecer as bases de uma economia industrial madura no país, especialmente aprofundando o setor produtor de bens de consumo duráveis, como a indústria automobilística (GREMAUD, 2002).

De acordo com Souza (2008), o Plano de Metas se concentrava em quatro áreas principais: 1) investimentos estatais em infraestrutura (transporte e energia elétrica); 2) incentivo ao aumento da produção de bens de capital; 3) incentivo à introdução dos setores de bens de consumo duráveis; 4) estímulo a produção de alimentos.

Outro momento importante neste processo foi o período posterior à Segunda Guerra Mundial, quando a economia atingiu um elevado nível de crescimento. A taxa média de crescimento real anual entre 1947-62 foi superior a 6% e, durante o período mais intenso de industrialização (1956-62) chegou a 7,8%. Enquanto o produto real aumentou 128% de 1947 a 1961, o produto agrícola real aumentou somente 87%; o produto industrial, entretanto, aumentou 262%. A agricultura foi responsável por somente 18% do crescimento absoluto do produto interno bruto, enquanto que o setor não agrícola contribuiu com o restante. Deste modo, fica claro que a indústria foi o setor dinâmico da economia, pois sua participação cresceu regularmente, ultrapassando a agricultura na segunda metade dos anos 50 (BAER, 1996).

Nos anos de 1955 a 1967, a primeira fase da industrialização pesada consolidou a expansão industrial brasileira e sua concentração em São Paulo. O estado de São Paulo possuía certas vantagens à atividade industrial desde o período da economia agroexportadora, pela concentração da atividade cafeeira na região, assim como a centralização das autoridades na mesma. Assim, tanto no Brasil como no Estado de São Paulo, a economia cafeeira proporcionou mão de obra para a indústria e os excedentes de divisas da cafeicultura geraram capacidade para importação de bens de capital (NEGRI, 1996).

Gremaud (2002) também enfatiza os seguintes papéis da agricultura na industrialização de um país: i) a liberalização de mão de obra do campo para as indústrias; ii) fornecimento de alimentos e matérias-primas para os setores da indústria; iii) transferência de capital da agricultura para investir em setores industriais; iv) geração de divisas através da

exportação de produtos agrícolas a fim de viabilizar a importação de máquinas e equipamentos; e v) mercado consumidor dos produtos gerados no setor industrial.

Neste sentido, o setor primário foi essencial para o surgimento do setor industrial, assim como este é para o surgimento das atividades terciárias. Com as mudanças ocorridas principalmente a partir da década de 1970, como: modernização da agricultura, surgimento de novas formas de produção, desenvolvimento da ciência e tecnologia, avanço dos instrumentos financeiros e de informação etc.

O período recente é caracterizado por uma série de transformações tanto na economia mundial como nas economias nacionais. De forma geral, essas modificações estão relacionadas ao processo denominado de globalização, que se manifesta em diferentes aspectos: comercial, produtivo, financeiro e institucional (GREMAUD; VASCONCELLOS; TONETO JÚNIOR, 2009).

3 ESPECIALIZAÇÃO E MULTIESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA

De acordo com Smith (1983), a especialização de uma região em um ou mais segmentos produtivos é percebida como condição necessária (ainda que insuficiente) de desenvolvimento. Segundo esse autor, o processo de desenvolvimento econômico dependeria de condições iniciais quanto ao estoque de capital, da mão de obra e dos recursos naturais, bem como de padrões estruturais referentes à produtividade dos mesmos (especialização do trabalho). Para o autor, a especialização é reflexo do desenvolvimento da divisão social do trabalho.

Douglass North qualifica e determina a contribuição original de Smith à teoria do desenvolvimento das regiões periféricas: para ambos a especialização – geradora de vantagens absolutas e de ganhos internos e externos de escala – e a exportação da produção, na qual a região é especializada, é o ponto de partida necessário e universal do desenvolvimento das regiões periféricas. Assim, verifica-se que North elaborou sua teoria assemelhando-se à de Adam Smith, argumentando que a especialização e a divisão do trabalho constituem os fatores mais importantes da expansão inicial das regiões (ALVES, 2008).

North (1977) e sua análise sobre o papel das exportações no desenvolvimento das regiões afirma que quanto mais diversificado for a pauta de produtos de exportação local, melhor será o desenvolvimento. O que mais influência nessa diversificação será, segundo o autor: a) A dotação natural da região que dita seus produtos iniciais da exportação; b) O caráter do setor de exportação (a distribuição de renda regional, multiplicadores de renda e emprego, qualificação educacional e investimentos em pesquisa, melhoria do setor de transporte e de indústrias complementares, etc); e, c) mudanças nos custos de tecnologia e de transporte que podem alterar a vantagem comparativa da região (que podem alterar a vantagem comparativa da região e aumentar a taxa de retorno potencial da produção de outros bens e serviços, conduzindo à exploração de novos recursos e diversificando o rol de indústrias de exportação).

Os desenvolvimentos iniciais no setor de exportação (especialização) levam gradualmente à diversificação da pauta de exportação (multi-especialização) e à ampliação na dimensão do mercado doméstico. Internamente, isso vai ocasionar uma variedade cada vez

maior de indústrias e serviços locais, a ponto de incluir uma ampla gama de atividades econômicas. Com o sucessivo aumento das rendas, aumenta-se também o mercado interno, e a dimensão eficiente desses tipos de atividades cresce e algumas delas podem tornar-se tão eficientes que podem se transformar em novas atividades de exportação. A expansão bem sucedida provoca um influxo de capital e de mão de obra; as proporções entre os fatores de produção modificam-se gradualmente para favorecer ainda mais a expansão contínua da região. As mudanças na proporção de combinação de fatores, a redução de custos induzida pelos investimentos na infraestrutura e a melhoria dos padrões culturais e profissionais, conduzem a uma diversificação ainda maior e à capacidade de expandir em outras atividades econômicas (NORTH, 1961).

E neste contexto, Alves (2008), para North, afirma que as regiões que permanecem ligadas a um único produto de exportação não alcançam uma expansão sustentada. Complementando essa análise, Paiva (2006, p. 91) afirma que as demandas de insumos e de bens finais, associadas ao desenvolvimento regional da produção de bens básicos e não básicos, devem conduzir a uma crescente diversificação da produção agropecuária, industrial e de serviços. Isso se traduz na diversificação e na urbanização da pauta de exportação regional, ou seja, a diversificação é a meta e a medida do desenvolvimento.

Não obstante, existe toda uma literatura que busca demonstrar empiricamente que as regiões desenvolvidas são aquelas que contam com um amplo e diversificado segmento produtor de bens básicos e não básicos; extraindo daí a conclusão de que a diversificação — e não a especialização — é a alternativa mais consistente e sustentável de desenvolvimento regional (PAIVA, 2006).

Opostamente à especialização e diversificação, Paiva (2006) é um dos defensores da perspectiva de que uma economia pode ser multiespecializada. Mais especificamente, para o autor, as economias desenvolvidas tendem à multiespecialização, em contraposição às economias estagnadas e excluídas da divisão inter-regional do trabalho, que tendem à diversificação autárquica, e às economias satelizadas, que tendem à mono especialização.

Mas afinal, como se define o termo especialização? Esse termo pode ter várias interpretações e significados, um deles é o de Paiva (2006), onde ele exprime que a especialização comporta, pelo menos, dois sentidos: o de qualidade e acuidade superior e o de dedicação exclusiva.

Nesta linha de raciocínio, uma região especializada em determinada atividade é aquela que possui superioridade (vantagem) na atividade em questão. O sentido de dedicação exclusiva se remete àquelas regiões mono especializadas. São regiões que possuem especialização em uma, no máximo duas, culturas (bens e/ou serviços); sendo assim, tem sua estrutura produtiva voltada à essa(s) única(s) atividade(s), as quais são também denominadas de regiões vocacionadas para uma única atividade econômica de produção e exportação. Por outro lado, a multiespecialização é interpretada pela aptidão de uma região produzir e exportar diversos bens e serviços.

Neste sentido, nesse artigo o Quociente Locacional indicará quais são as “especializações” das regiões, ou seja, em quais atividades as regiões que serão analisadas são especializadas; podendo assim identificar se estas são mono especializadas ou multiespecializadas.

4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para alcançar o objetivo deste artigo o método de procedimento adotado será o analítico, a partir de dados secundários de fontes diversas. Uma pesquisa analítica consiste no estudo e na avaliação profunda da informação disponível, em uma tentativa de explicar fenômenos complexos, através principalmente de revisão de literatura e de uma pesquisa histórica, enfocando a descrição, registro, análise e interpretação de fatos.

Neste contexto, foi feita a coleta de dados estatísticos secundários da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A variável utilizada na análise é o número de empregados formais distribuídos por ramos de atividades referentes às mesorregiões do Brasil. São 137 as mesorregiões brasileiras que foram analisadas respeitando os limites territoriais das cinco grandes regiões do Brasil. O período de análise é de 1985 a 2010, sendo que os dados coletados são referentes aos anos de 1985, 1990, 2000 e 2010, devido a condição de proporcionar maior detalhamento dos resultados e análises.

As atividades econômicas analisadas foram agrupadas e divididas em três setores para facilitar o estudo e o manuseio dos dados. A Figura 1 mostra essa esquematização das atividades.

Figura 1 – Divisão e Agrupamento das atividades econômicas em setores

GRANDE SETOR	SETOR	SUB-SETORES
Setor primário	Agricultura	Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal.
Setor secundário	Extração Mineral	
	Construção civil*	
	Serviço Industrial de Utilidade Pública (SIUP)	
	Indústrias dinâmicas	Indústria metalúrgica; Indústria mecânica; Indústria do material elétrico e de comunicações; Indústria do material de transporte; Indústria de produtos minerais não metálicos; Indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários e perfumaria.
	Indústrias Não-Tradicionais	Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica; Indústria da borracha, fumo, couros, peles e produtos similares.
Indústrias Tradicionais	Indústria da madeira e do mobiliário; Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos; Indústria de calçados; Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico.	
Setor terciário	Comércio	Comércio atacadista; comércio varejista.
	Transporte e Comunicação	
	Administração Pública	
	Prestação de Serviços	Instituições de crédito, seguros e capitalização; Com. e administração de imóveis e valores mobiliários; Serviços de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação; Serviços médicos, odontológicos e veterinários; Ensino.

Fonte: IBGE (2012), formulado pelos autores.

Utilizou-se medidas de localização e especialização para se alcançar os objetivos deste artigo, quais sejam: o Quociente Locacional e o Coeficiente de Reestruturação.

O *Quociente Locacional* (QL) é uma medida de natureza descritiva, que permite caracterizar as várias atividades e as diferentes regiões em análise, do ponto de vista do seu

nível de especialização/diversificação das suas estruturas produtivas (DELGADO; GODINHO, 2002). O QL possui uma natureza setorial, pois se preocupa com a localização da variável base (número de empregados) entre as mesorregiões, procurando identificar padrões de especialização ou diversificação num determinado período. O cálculo do QL é expresso na equação (01):

$$QL = (E_{ij} / \sum_i E_{ij}) / (\sum_j E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij}) \quad (01)$$

Em que: E_{ij} = Número de empregados do setor i na mesorregião j ; $\sum_i E_{ij}$ = Número de empregados do setor i do Brasil; $\sum_j E_{ij}$ = Número de empregados total da mesorregião j ; $\sum_i \sum_j E_{ij}$ = Número de empregados total do Brasil. O QL compara a participação percentual do número de empregados de uma mesorregião j com a participação percentual do Brasil. A importância da mesorregião j no contexto regional, em relação à variável x estudada, é demonstrada quando o QL assume valores acima de 1. Nesse caso (quando o QL for maior ou igual a 1), indica a representatividade da variável x em uma mesorregião j específica, ou seja, indica que esse setor é especializado nessa região. O contrário ocorre quando o QL for menor que 1 (ALVES; FERRERA DE LIMA; SOUZA, 2010; ALVES, 2012). Assim, a partir da análise do QL, poder-se-á visualizar a especialização em cada uma das mesorregiões no período estudado e sua localização espacial.

O *Coefficiente de Reestruturação* (CT) relaciona a estrutura do número de empregados por mesorregião entre dois períodos, ano base 0 e ano 1, verificando o grau de mudanças na especialização de cada mesorregião. Coeficientes iguais a zero (0) indicam que não ocorreram modificações na estrutura setorial da mesorregião, e próximos a unidade (1) demonstra uma reestruturação substancial (ISARD, 1972; HADDAD, 1989). Esse coeficiente é expresso pela seguinte equação:

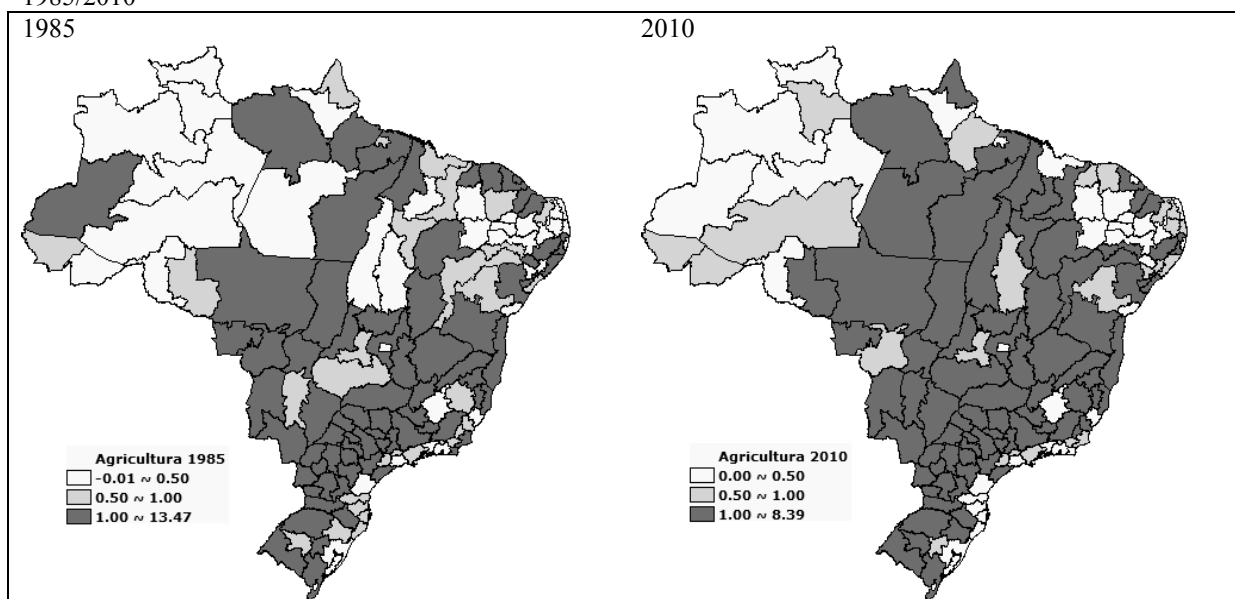
$$CT_j = \frac{\sum |I_1 - I_0|}{2} \quad (02)$$

Sendo que: CT_j = Coeficiente de Reestruturação na mesorregião j ; \sum_i = Somatório das atividades na mesorregião j ; I_0 = Distribuição percentual de emprego do setor i inicial na mesorregião j ; I_1 = Distribuição percentual de emprego do setor i final na mesorregião j . Desse modo, então, através do CT, poderá ser mostrado se houve mudanças significativas na estrutura produtiva das mesorregiões.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção tem por finalidade apresentar os resultados encontrados através dos métodos de análise regional – Quociente Locacional e Coeficiente de Reestruturação, e algumas discussões. Esses resultados vão mostrar quais são as especializações de cada mesorregião do Brasil e se houve mudanças na estrutura produtiva destas regiões com o passar do tempo. A evolução do Quociente Locacional (QL) do setor primário da economia é apresentada na Figura 2.

Figura 2 – O Perfil do Quociente Locacional da Agricultura – setor primário, entre as mesorregiões do Brasil – 1985/2010



Fonte: Resultados da pesquisa

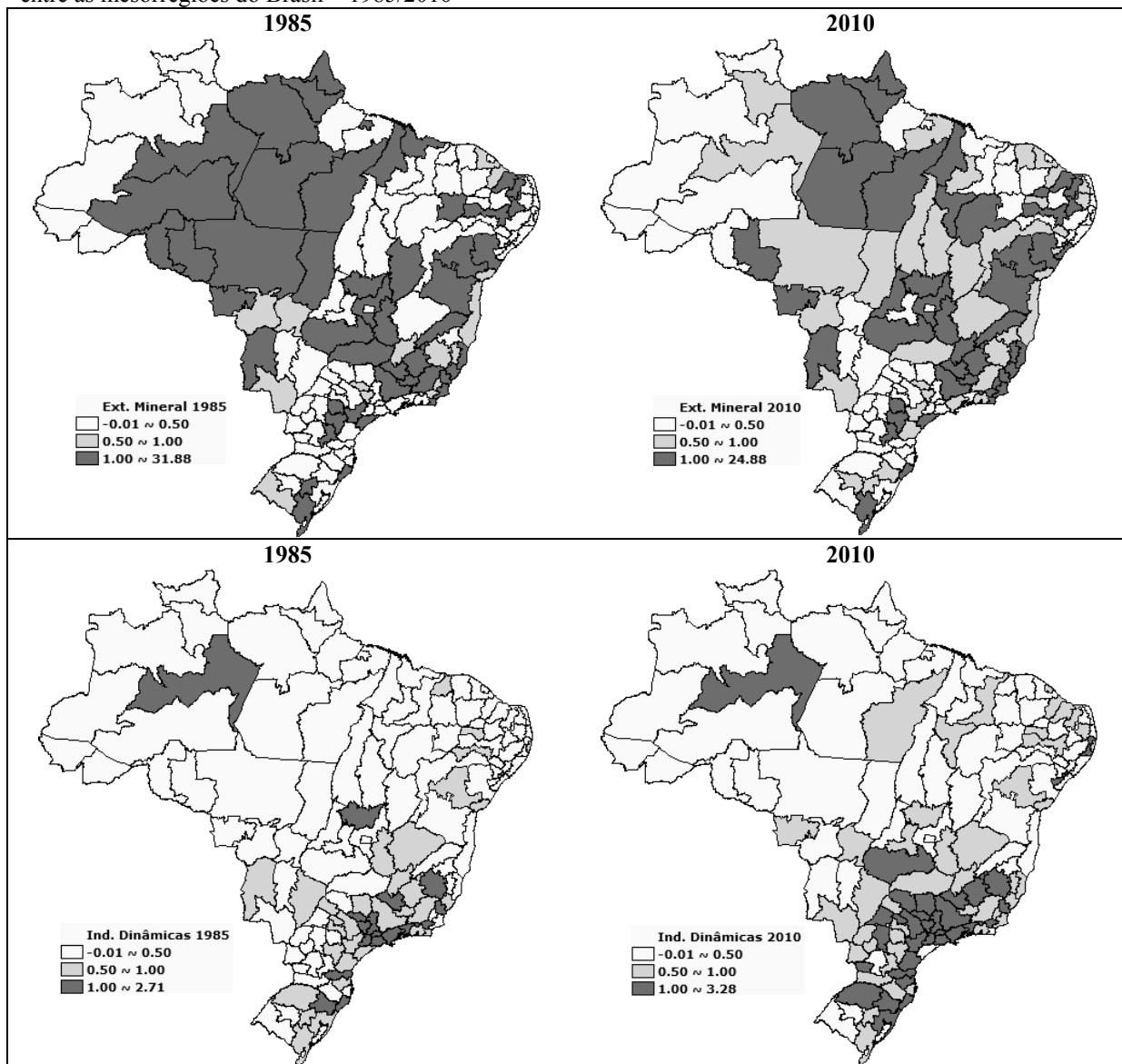
Nota-se que nos dois anos de análise, o QL da agricultura apresentou localização bastante expressiva para grande parte das mesorregiões brasileiras. Tanto no ano inicial como no final, a localização das mesorregiões especializadas no setor primário era no Sul, Sudeste, Centro-Oeste, seguida do Nordeste, com exceção apenas da região Norte. Ao longo dos anos, houve poucas mudanças no perfil locacional desta atividade entre as mesorregiões. Assim, a Figura 2 demonstra que o Brasil como um todo ainda possui, na maioria de suas mesorregiões, uma economia com o setor primário bem significativo.

A Figura 3, referente à extração mineral, pertencente ao setor secundário, mostra que esta atividade perde representatividade em nível de Brasil se comparado o ano inicial com o ano final. Em 1985, a região Norte é a que mais se destaca na atividade de extração mineral; porém esta região perde importância em 2010, provavelmente devido ao esgotamento de seus recursos minerais. Em 2010, a atividade se mantém dispersa no território brasileiro.

As indústrias dinâmicas são aquelas caracterizadas pelo uso intensivo de capital na sua produção, com alto investimento em pesquisa e tecnologia e utilização de pouca mão de obra. Neste âmbito, a Figura 3, também referente ao setor secundário, mostra que as mesorregiões que possuíam especialização na atividade das indústrias dinâmicas nos dois anos analisados se localizavam concentradas no Sul e Sudeste, basicamente na faixa litorânea.

Conforme destaca Piffer (2009), as indústrias não tradicionais são um “meio-termo” entre as indústrias dinâmicas e tradicionais, pois se trata de empresas de uso mais intensivo de capital que a indústria tradicional e que tiveram a sua origem mais recente no processo de industrialização.

Figura 3 – O Perfil do Quociente Locacional da Extração Mineral e das Indústrias Dinâmicas – setor secundário, entre as mesorregiões do Brasil – 1985/2010

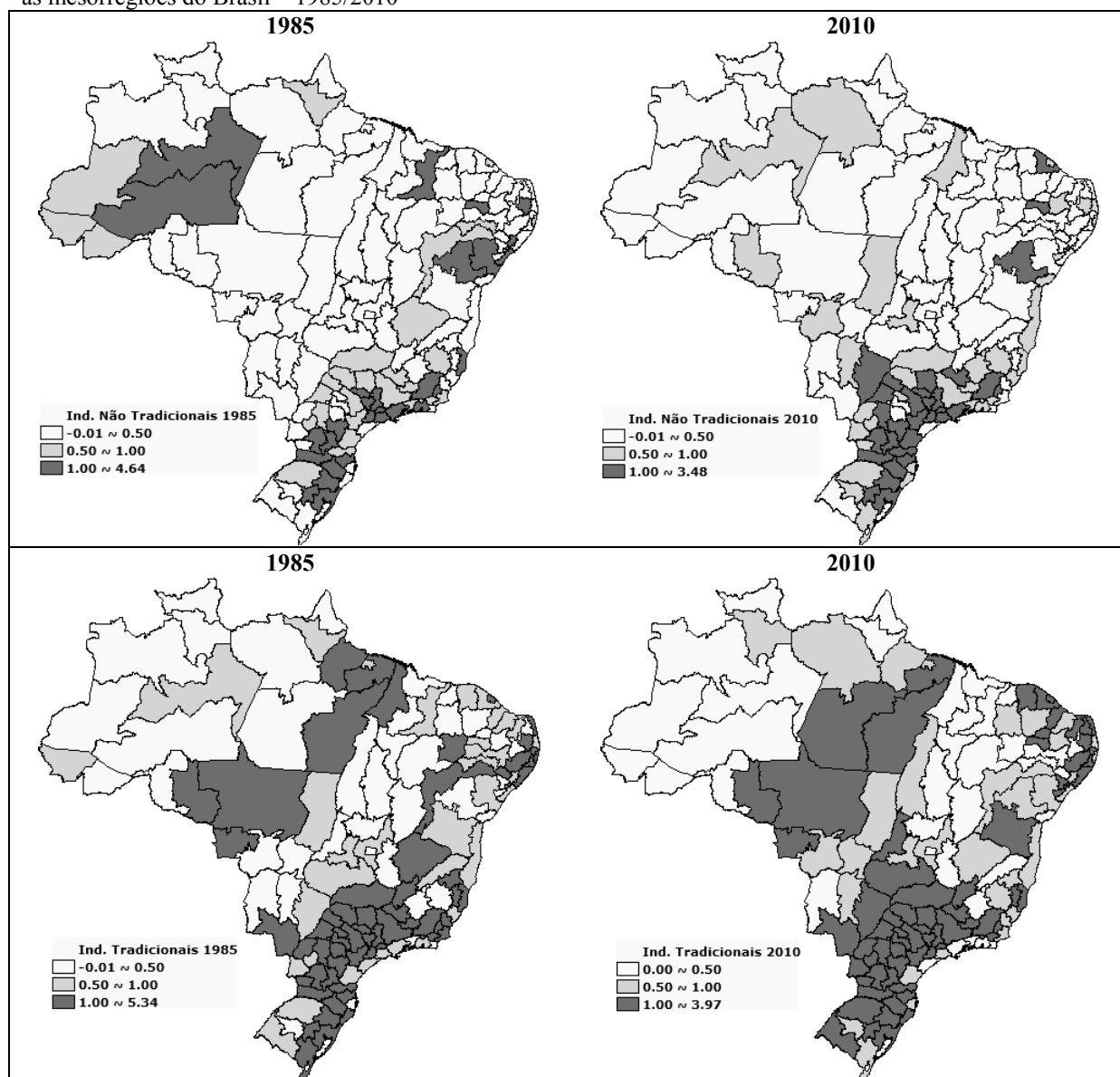


Fonte: Resultados da pesquisa

Neste sentido, também referente ao setor secundário, a Figura 4 aponta que as mesorregiões especializadas na atividade de indústrias não tradicionais, localizavam-se concentradas, assim como as indústrias dinâmicas, no Sul e Sudeste, com alguns pontos também no Norte e no Nordeste em 1985 e também no Nordeste em 2010.

A Figura 4 traz as informações referentes à atividade de indústrias tradicionais, também pertencente ao setor secundário. Conforme destacam Alves, Ferrera de Lima e Souza (2010), quando se analisam as indústrias tradicionais deve-se levar em consideração que nesse tipo de indústria são classificados os ramos de atividades inerentes ao início do processo de industrialização e da primeira fase de substituição por importações brasileira. Nesse caso, trata-se dos bens de consumo não duráveis, caracterizados pelo uso intensivo de mão de obra na sua produção.

Figura 4 – O Perfil do Quociente Locacional das Indústrias Não Tradicionais e das Indústrias Tradicionais, entre as mesorregiões do Brasil – 1985/2010



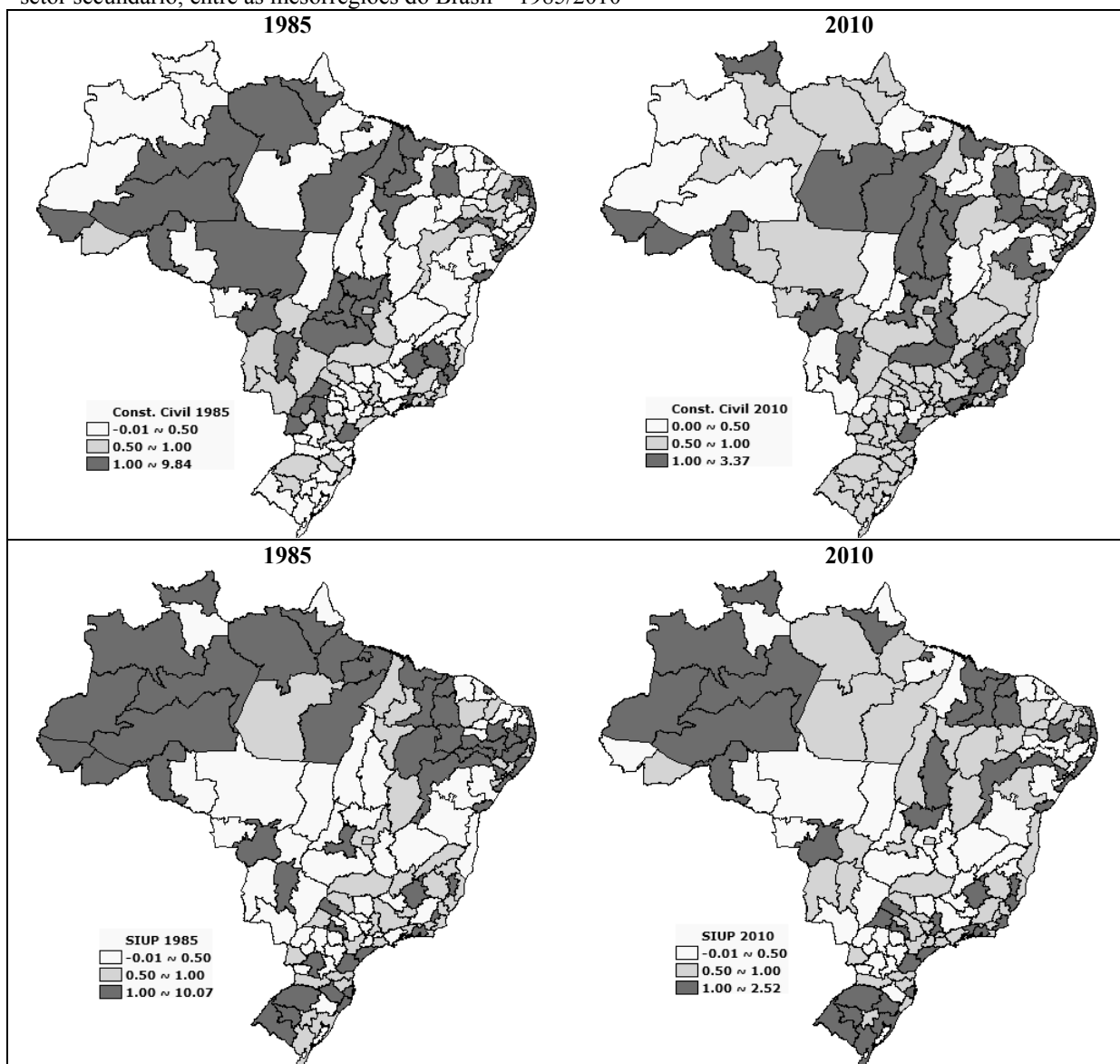
Fonte: Resultados da pesquisa

Conforme a Figura 4 percebe-se que as mesorregiões especializadas nessa atividade, em 1985 se localizavam principalmente no Sul e Sudeste, com algumas especializações também nas demais regiões (Norte, Nordeste e Centro-Oeste). Em 2010, essa distribuição das atividades permanece praticamente a mesma, porém o Centro-Oeste ganha importância e surgem novas mesorregiões especializadas.

Ainda em relação ao setor secundário, referente à construção civil, a Figura 5 aponta que, nos dois anos, a localização das mesorregiões especializadas nessa atividade era bem dispersa no território brasileiro. Conforme a Figura 7, em 1985, visualiza-se que as mesorregiões especializadas se localizavam mais fortemente nas regiões Norte e Centro-Oeste. Já em 2010, o Norte perde representatividade e o Sudeste aumenta um pouco sua importância.

A última atividade do setor secundário é o Serviço Industrial de Utilidade Pública, apresentado pela Figura 5. Dentre os serviços industriais de utilidade pública estão: a geração, transmissão e distribuição de energia elétrica; produção e distribuição de combustíveis gasosos por redes urbanas; produção e distribuição de vapor, água quente e ar condicionado; captação, tratamento e distribuição de água; esgoto e atividades relacionadas; coleta de resíduos; tratamento e disposição de resíduos; recuperação de outros materiais não especificados anteriormente e descontaminação e outros serviços de gestão de resíduos (OLIVEIRA; ROMANATTO; CAMARGOS, 2010).

Figura 5 – O Perfil do Quociente Locacional da Construção Civil e do Serviço Industrial de Utilidade Pública – setor secundário, entre as mesorregiões do Brasil – 1985/2010

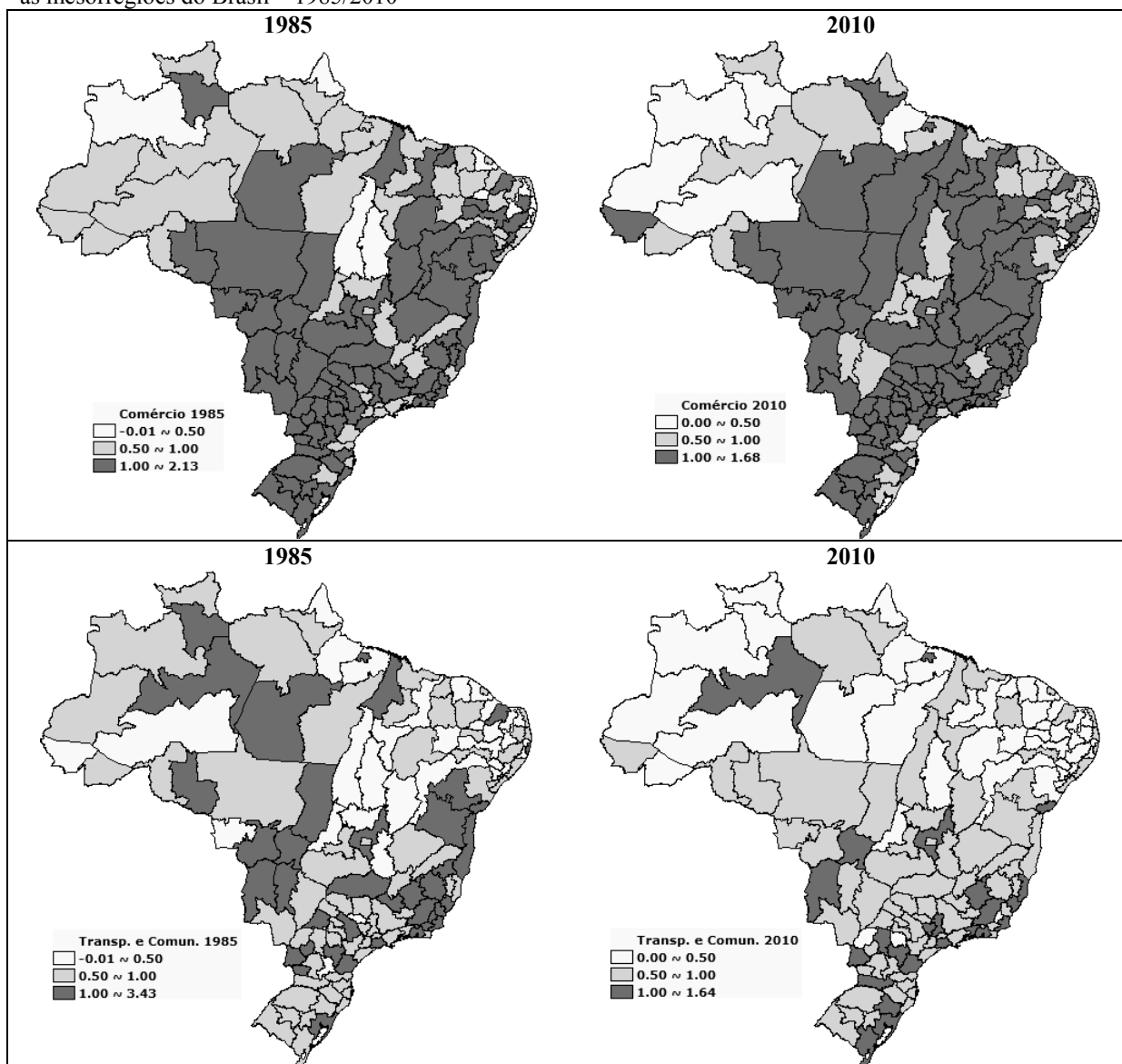


Fonte: Resultados da pesquisa

A Figura 5 revela que em 1985 essa atividade era levemente concentrada nas regiões Norte e Nordeste, sendo que as demais regiões também tinham mesorregiões especializadas. Já em 2010, o Norte e Nordeste perdem representatividade nesta atividade e o Sul, particularmente o estado do Rio Grande do Sul, ganha importância.

A Figura 6 apresenta a performance do Quociente Locacional para a atividade do comércio, do setor terciário. De acordo com a Figura, tanto no ano inicial quanto no ano final, grande parte das mesorregiões brasileiras possuía especialização na atividade, elas se localizavam principalmente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, enquanto as regiões Norte e Nordeste se apresentam com menos importância nesta atividade.

Figura 6 – O Perfil do Quociente Locacional do Comércio e do Transporte e Comunicação – setor terciário, entre as mesorregiões do Brasil – 1985/2010

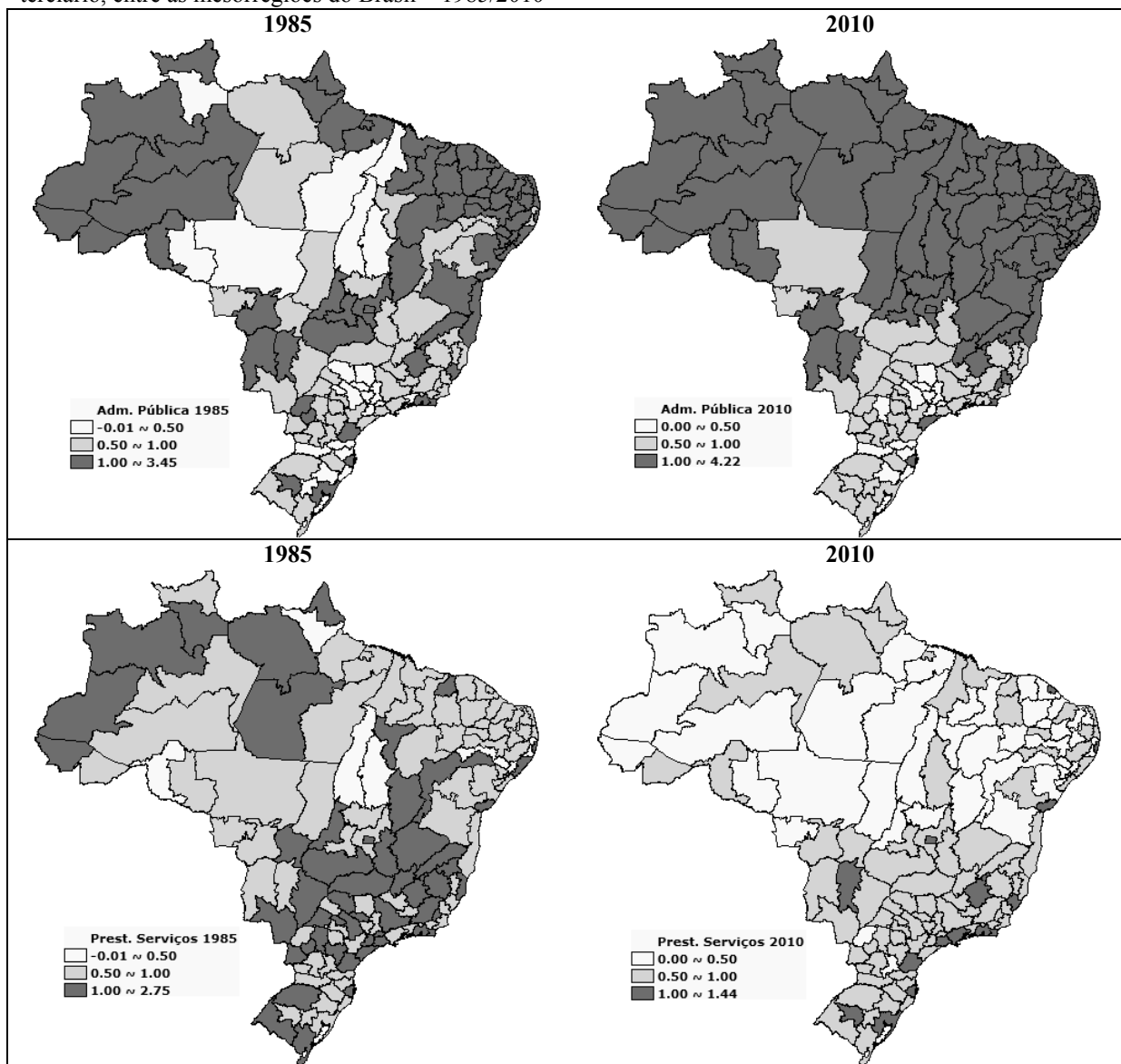


Fonte: Resultados da pesquisa

A distribuição espacial da especialização da atividade de transporte e comunicação, apresentada na Figura 6, também pertencente ao setor terciário, mostra que no primeiro ano analisado, a atividade se localizava de maneira dispersa entre as regiões, com pontos de especialização em todas as grandes regiões. Já no ano de 2010, percebe-se uma leve concentração em algumas regiões: Sul e Sudeste. Percebe-se nos mapas que o número de mesorregiões especializadas nesta atividade reduziu, ou seja, essa atividade perdeu representatividade em âmbito de Brasil.

Conforme pode ser visualizado na Figura 7, referente à atividade de administração pública do setor terciário, no primeiro ano, essa atividade já era concentrada principalmente no Nordeste e no Norte, e em parte no Centro-Oeste. No último ano, essa concentração se torna mais visível ainda. Percebe-se que todas as mesorregiões das regiões Norte e Nordeste são especializadas em administração pública, enquanto que o Sul e Sudeste se apresentam, quase totalmente, como não especializados.

Figura 7 – O Perfil do Quociente Locacional da Administração Pública e da Prestação de Serviços – setor terciário, entre as mesorregiões do Brasil – 1985/2010



Fonte: Resultados da pesquisa

A administração pública é, em sentido formal, o conjunto de órgãos instituídos para consecução dos objetivos do Governo; em sentido material, é o conjunto das funções necessárias aos serviços públicos em geral; em acepção operacional, é o desempenho perene sistemático, legal e técnico, dos serviços próprios do Estado ou por ele assumidos em benefício da coletividade (MEIRELLES, 2004).

Nesse sentido, a administração pública são os órgãos ou instituições, de níveis municipal, estadual ou federal, que agem em função dos objetivos do Governo para a satisfação das necessidades da sociedade e promoção do bem estar geral. Deste modo, duas razões explicam a concentração espacial desta atividade nas regiões Norte e Nordeste no ano 2010: a primeira delas deve-se ao fato de que estas regiões são as mais pobres do país e por isso necessitam de uma maior atuação das políticas sociais do governo; a segunda refere-se ao fato de que muitas cidades destas regiões não possuem especialização em outras atividades e por isso a gestão pública dos municípios, do Estado e da federação emprega grande parte da mão de obra destes, fazendo com que estas cidades se especializem nesta atividade.

A Figura 7 revela o perfil locacional da atividade de prestação de serviços, também referente ao setor terciário. Como pode ser visualizado na Figura, em 1985, essa atividade localizava-se principalmente no Sul e Sudeste, seguido do Centro-Oeste e Norte. Já em 2010, visualiza-se facilmente que o número de mesorregiões especializadas na prestação de serviços se reduz muito.

Uma característica a ser notada é que no último ano, esta atividade não possui um perfil de localização por região, ou seja, esta atividade não se concentra especificamente em uma ou outra região. Porém, existe uma particularidade: a maioria das mesorregiões especializadas nesta atividade em 2010 é metropolitana; os dados mostram que das nove mesorregiões que permaneceram especializadas nos dois anos estudados, seis são mesorregiões metropolitanas. Essas mesorregiões metropolitanas, não são especializadas apenas nesta atividade, mas também em outras atividades, principalmente do setor secundário e terciário. As mesorregiões metropolitanas que são especializadas em prestação de serviços em 1985 e 2010 são: Metropolitana de Belo Horizonte, Metropolitana de Curitiba, Metropolitana de Recife, Metropolitana de Salvador, Metropolitana de São Paulo e Metropolitana do Rio de Janeiro.

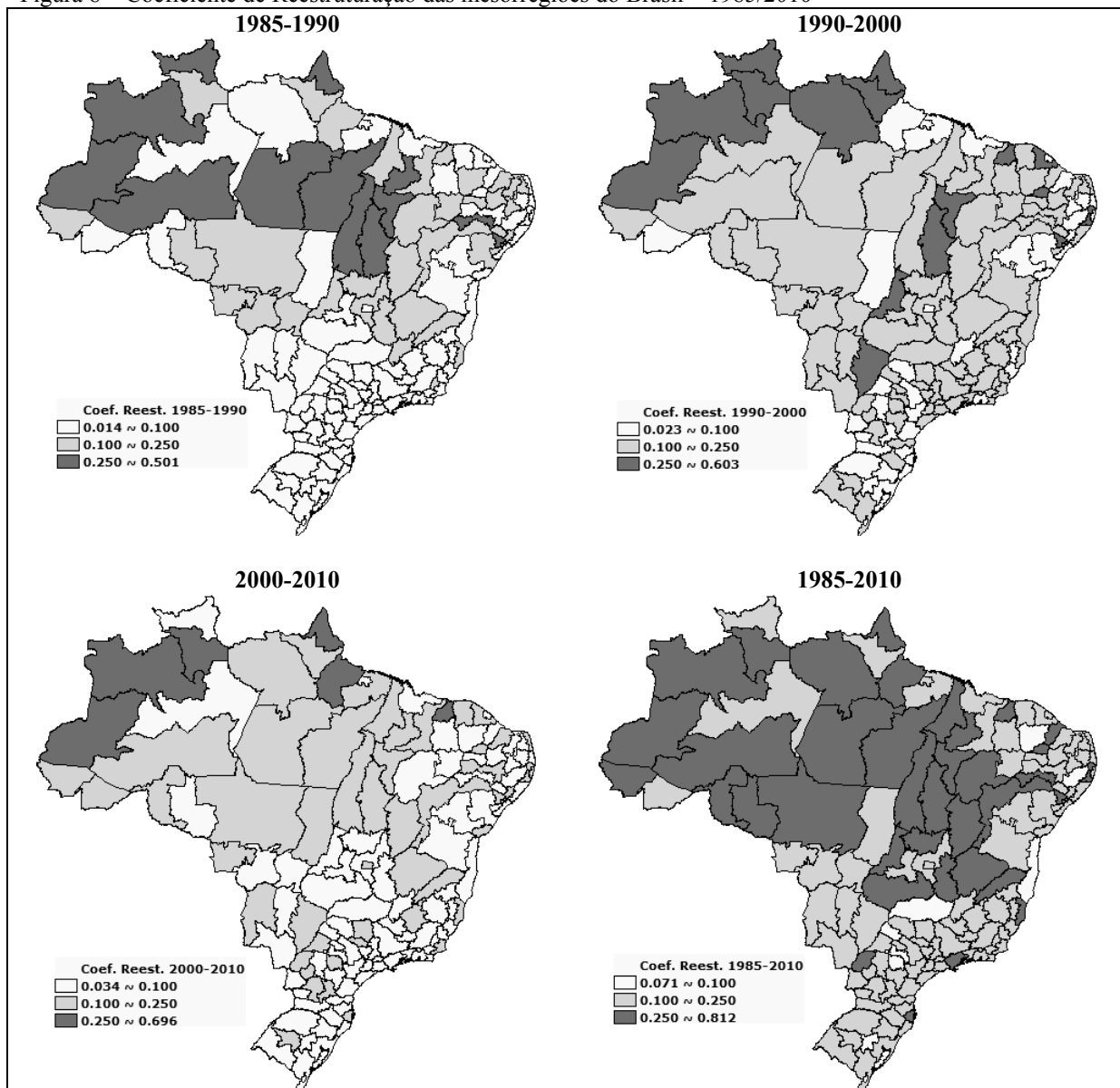
Sendo assim, cabe dizer que a atividade de prestação de serviços, no último ano, é característica de mesorregiões multiespecializadas. Essa característica tende a se tornar cada vez mais frequente, uma vez que apenas as mesorregiões mais “desenvolvidas” em pesquisa e tecnologia tem condições de oferecer serviços mais especializados, como: especialistas na área da saúde; educação de alto nível (doutorado, pós doutorado etc.); serviços de lazer de alto luxo, entre outros. Deste modo, essas mesorregiões se tornam “centros atrativos”, e a população das demais regiões tende a se descolar para esses “centros” à procura destes serviços especializados.

Os resultados do coeficiente de reestruturação são apresentados pela Figura 8. Conforme mostra a Figura, as mesorregiões que mais se reestruturaram no período de 1985 a 1990 estavam localizadas nas regiões Norte e Nordeste. Já no período de 1990 a 2000, as mesorregiões com maior reestruturação também estavam localizadas no Norte, Nordeste e no Centro-Oeste. No período de 2000-2010, foram poucas as mesorregiões que apresentaram forte reestruturação, sendo que estas se localizavam também no Norte e Nordeste.

Ainda na Figura 8, tem-se os resultados para todo o período analisado: de 1985 a 2010. Através desse mapa é possível visualizar o perfil locacional das mesorregiões que mais se reestruturaram nesse período. De acordo com o mapa, estas mesorregiões localizavam-se principalmente no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O Sudeste e Sul também apresentaram algumas mesorregiões com forte reestruturação, porém são poucas: no Sul, por exemplo,

apenas duas mesorregiões se enquadram nesta categoria; no geral estas duas regiões são as que menos se reestruturaram. Contudo, percebe-se que a maioria das mesorregiões do Brasil que não se enquadra na categoria de maior reestruturação, são mesorregiões que se enquadram na categoria de reestruturação intermediária; isso indica que o Brasil como um todo teve mudanças em sua estrutura produtiva no período de 1985 a 2010.

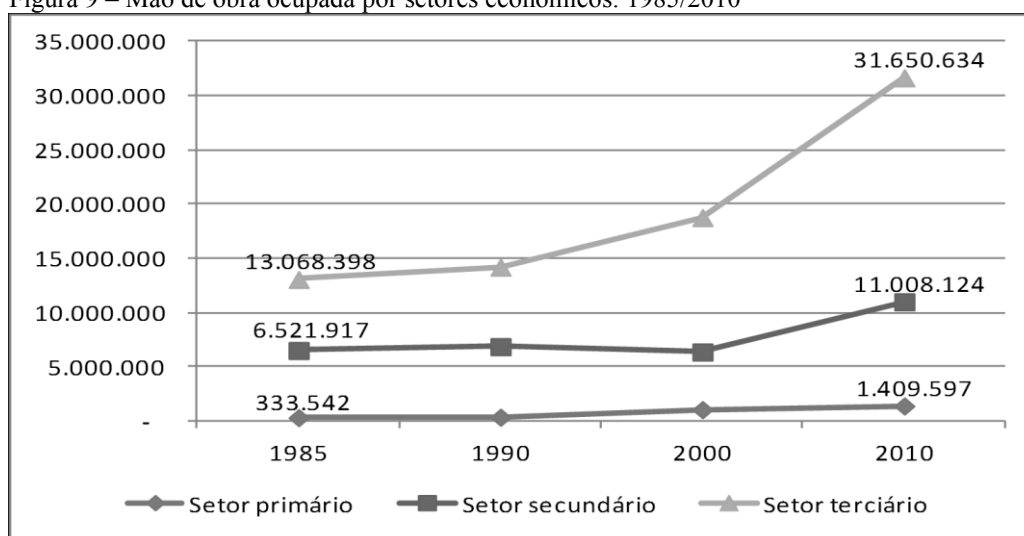
Figura 8 – Coeficiente de Reestruturação das mesorregiões do Brasil – 1985/2010



Fonte: Resultados da pesquisa

A reestruturação na estrutura produtiva no Brasil reflete-se através do contingente de número de empregados formais que os setores empregam. Neste sentido, a Figura 9 mostra a evolução da mão de obra ocupada nos três grandes setores da economia.

Figura 9 – Mão de obra ocupada por setores econômicos: 1985/2010



Fonte: RAIS/MTE (2012), elaborado pelos autores

Analisando os três setores como um todo, enquanto o número de empregados no setor primário cresceu mais de quatro vezes de 1985 para 2010, a mão de obra ocupada no setor secundário não chegou nem a dobrar. E, o número de empregados do setor terciário, por sua vez, cresceu cerca de duas vezes e meia neste período. Apesar de apresentar um Quociente Locacional importante no setor primário em quase todas as mesorregiões do Brasil, em números efetivos esse setor perde importância para os demais setores. Em números absolutos, o setor que mais emprega é o setor terciário.

Para analisar as mudanças nas estruturas produtivas das mesorregiões brasileiras, as Figuras 10 e 11 mostram as especializações das mesorregiões que mais se reestruturaram e das que menos se reestruturaram nesse período.

Figura 10 – Principais especializações produtivas das dez mesorregiões com maiores coeficientes de reestruturação – 1985/2010

Mesorregiões/Coef.Reestruturação	Principais especializações QL>1			
	1985	1990	2000	2010
Sul de Roraima (0,8109)	Comércio, Transporte e comunicação e Prestação de serviços	Comércio, Administração pública e Prestação de serviços	Agricultura, Extração mineral, Indústrias tradicionais, Construção civil e Comércio	Administração pública
Sul Maranhense (0,5030)	Construção civil e Prestação de serviços	Agricultura, Comércio, Administração pública e Prestação de serviços	Agricultura, Extração mineral, SIUP, Comércio e Administração pública	Agricultura, Extração mineral, Construção civil, Comércio e Administração pública
Marajó (0,4911)	Agricultura, Indústrias tradicionais, SIUP e Administração pública	Agricultura, Indústrias tradicionais, SIUP e Administração pública	Indústrias tradicionais, SIUP e Administração pública	Administração pública
Norte Amazonense (0,4785)	SIUP, Administração pública e Prestação de serviços	SIUP e Administração pública	Transporte e comunicação e Administração pública	SIUP e Administração pública
Sudoeste Amazonense (0,4714)	SIUP, Administração pública e Prestação de serviços	Agricultura, SIUP e Administração pública	Agricultura e Administração pública	SIUP e Administração pública
Sudoeste Paraense (0,4402)	Extração mineral, Comércio, Transporte e comunicação e Prestação de serviços	Agricultura, Extração mineral, Comércio, Transporte e comunicação e Administração pública	Indústrias tradicionais, Comércio e Administração pública	Agricultura, Extração mineral, Indústrias tradicionais, Construção civil, Comércio e Administração pública
São Francisco Pernambucano (0,3933)	Construção civil e SIUP	Agricultura, Indústrias tradicionais, Construção civil, SIUP, Comércio e Transporte e comunicação	Agricultura, Construção civil, Comércio e Administração pública	Agricultura, Construção civil, Comércio e Administração pública
Vale São-Franciscano da Bahia (0,3888)	Indústrias tradicionais, SIUP, Comércio e Prestação de serviços	Agricultura, Construção civil, SIUP, Comércio e Prestação de serviços	Agricultura, Construção civil, SIUP e Comércio	Agricultura, SIUP, Comércio e Administração pública
Centro Maranhense (0,3772)	Construção civil e Administração pública	Comércio e Administração pública	SIUP, Comércio e Administração pública	Agricultura, SIUP, Comércio e Administração pública
Sudeste Paraense (0,3662)	Agricultura, Extração mineral, Indústrias tradicionais, Construção civil e SIUP	Agricultura, Extração mineral, Indústrias tradicionais, Construção civil e SIUP	Agricultura, Extração mineral, Indústrias tradicionais e Construção civil	Agricultura, Extração mineral, Indústrias tradicionais, Construção civil e Administração pública

Fonte: Resultados da pesquisa

Conforme exposto na Figura 10, referente às dez mesorregiões que mais se reestruturaram percebe-se que todas elas estavam localizadas na região Norte e Nordeste do país. Essas dez mesorregiões consolidaram algumas especializações, principalmente aquelas ligadas ao setor terciário da economia. Também é possível perceber que todas as mesorregiões consolidaram suas especializações ou se tornaram especializadas na atividade da administração pública em 2010; além dessa atividade, a agricultura, o comércio e os serviços industriais de utilidade pública foram as atividades que se destacaram como principais especializações na maioria das mesorregiões.

Ainda na Figura 10, nota-se que as mesorregiões Sul de Roraima, Marajó, Norte Amazonense e Sudoeste Amazonense eram multiespecializadas em 1985 e se tornaram monoespecializadas em 2010, com apenas uma ou duas especializações. E as mesorregiões Sul Maranhense, São Francisco Pernambucano e Centro Maranhense se apresentam como monoespecializadas em 1985 e passaram à categoria de multiespecializadas.

Figura 11 – Principais especializações produtivas das dez mesorregiões com menores coeficientes de reestruturação – 1985/2010

Mesorregiões/Coef.Reestruturação	Principais especializações QL>1			
	1985	1990	2000	2010
Metropolitana de Belo Horizonte (0,1005)	Extração mineral, Construção civil, SIUP, Transporte e comunicação, Administração pública e Prestação de serviços	Extração mineral, Construção civil, SIUP, Transporte e comunicação, Administração pública e Prestação de serviços	Extração mineral, Indústrias dinâmicas, Construção civil, SIUP, Transporte e comunicação e Prestação de serviços	Extração mineral, Indústrias dinâmicas, Construção civil, SIUP, Transporte e comunicação, Administração pública e Prestação de serviços
Metropolitana de Curitiba (0,1000)	Construção civil, SIUP, Transporte e comunicação, Administração pública e Prestação de serviços	Indústrias não tradicionais, Construção civil, SIUP, Transporte e comunicação e Prestação de serviços	Indústrias dinâmicas, Indústrias não tradicionais, Construção civil, SIUP, Transporte e comunicação, Administração pública e Prestação de serviços	Indústrias dinâmicas, Indústrias não tradicionais, Construção civil, SIUP, Transporte e comunicação e Prestação de serviços
Norte Pioneiro Paranaense (0,0958)	Agricultura, Extração mineral, Indústrias tradicionais e Comércio	Agricultura, Extração mineral, Indústrias tradicionais, Comércio e Administração pública	Agricultura, Extração mineral e Indústrias tradicionais	Agricultura, Extração mineral, Indústrias tradicionais e Comércio
Centro Oriental Rio-Grandense (0,0937)	Agricultura, Extração mineral, Indústrias não tradicionais, Indústrias tradicionais e Comércio	Agricultura, Extração mineral, Indústrias não tradicionais, Indústrias tradicionais e Comércio	Extração mineral, Indústrias dinâmicas, Indústrias não tradicionais, Indústrias tradicionais e Comércio	Indústrias não tradicionais, Indústrias tradicionais e Comércio
Sul Baiano (0,0894)	Agricultura, Comércio, Transporte e comunicação e Administração pública	Agricultura, Comércio, Transporte e comunicação, Administração pública e Prestação de serviços	Agricultura, Extração mineral, Comércio e Administração pública	Agricultura, Comércio e Administração pública
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (0,0893)	Agricultura, Extração mineral, Comércio, Transporte e comunicação e Prestação de serviços	Agricultura, Extração mineral, Indústrias tradicionais, Construção civil, Comércio, Transporte e comunicação e Prestação de serviços	Agricultura, Indústrias tradicionais, Construção civil e Comércio	Agricultura, Indústrias tradicionais, Construção civil e Comércio
Assis (0,0855)	Agricultura, Indústrias tradicionais, SIUP e Comércio	Agricultura, Indústrias tradicionais, SIUP e Comércio	Agricultura, Indústrias tradicionais, Construção civil, SIUP e Comércio	Agricultura, Indústrias tradicionais, SIUP e Comércio
Sertões Cearenses (0,0817)	Administração pública	Administração pública	SIUP e Administração pública	Administração pública
Araçatuba (0,0736)	Agricultura, Indústrias tradicionais, SIUP e Comércio	Agricultura, Indústrias não tradicionais, Indústrias tradicionais, Construção civil, SIUP e Comércio	Agricultura, Indústrias não tradicionais, Indústrias tradicionais, SIUP e Comércio	Agricultura, Indústrias não tradicionais, Indústrias tradicionais, SIUP e Comércio
Agreste Pernambucano (0,0716)	Agricultura, Indústrias tradicionais, SIUP, Comércio e Administração pública	Agricultura, Indústrias tradicionais, SIUP, Comércio e Administração pública	Agricultura, Indústrias tradicionais, Comércio e Administração pública	Agricultura, Indústrias tradicionais, Comércio e Administração pública

Fonte: Resultados da pesquisa

A Figura 11, por sua vez, mostra as especializações das dez mesorregiões que menos se reestruturaram. Essas mesorregiões não apresentaram mudanças significativas nas suas especializações no período analisado.

É importante ressaltar que a maioria dessas mesorregiões tinha uma estrutura produtiva mais diversificada em comparação com as mesorregiões apresentadas na Figura 10. Com exceção da mesorregião Sertões Cearenses, as demais mesorregiões eram todas multiespecializadas nos anos analisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi analisar a especialização e a reestruturação produtiva entre as mesorregiões do Brasil, no período de 1985 a 2010. Neste sentido, os resultados do estudo em relação à distribuição espacial das atividades econômicas mostraram que grande parte das mesorregiões brasileiras era especializada na atividade da agricultura, demonstrando que o país ainda possui uma economia ainda dependente do setor primário. As atividades da extração mineral, construção civil e SIUP se localizam de maneira dispersa no território brasileiro. As indústrias dinâmicas, não tradicionais e tradicionais são concentradas

principalmente nas regiões Sul e Sudeste. O comércio, assim como a agricultura está presente como especialização na maioria das mesorregiões brasileiras. A atividade de transporte e comunicação perde participação em âmbito nacional, se concentrando também no Sul e Sudeste. As mesorregiões especializadas em administração pública, por sua vez, estão localizadas principalmente no Norte e Nordeste, ou seja, a gestão pública local, estadual e federal são as que mais empregam nestas mesorregiões através de suas políticas públicas. E, por último a atividade de prestação de serviços não tem um padrão locacional específico, sendo característica das mesorregiões multiespecializadas, isto é, a maioria das mesorregiões que possuem especialização nesta atividade são as mesorregiões metropolitanas, que se destacam em grande parte das atividades do setor secundário e terciário, sendo as mais diversificadas.

Além disso, os resultados do coeficiente de reestruturação apontaram que as mesorregiões que mais se reestruturaram produtivamente entre 1985 e 2010 estavam localizadas no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Analisando as dez mesorregiões que mais se reestruturaram, observou-se que todas elas consolidaram suas especializações ou tornaram-se especializadas na atividade de administração pública em 2010. Outras atividades que se destacaram como especializações entre estas mesorregiões são: agricultura, comércio e serviços industriais de utilidade pública. Referente às mesorregiões que menos se reestruturaram, basicamente aquelas localizadas nas regiões Sul e Sudeste, ressalta-se que estas possuíam uma estrutura produtiva bastante diversificada se comparada às mesorregiões com maior reestruturação.

Com relação à reestruturação produtiva do Brasil, no tocante à mão de obra, os dados apontaram que o número de empregos do setor primário cresceu cerca de quatro vezes de 1985 a 2010, enquanto que os empregos formais dos setores secundário e terciário cresceram cerca de duas vezes no período. Porém, em números efetivos, o setor primário perde para os demais, apesar de sua expressiva participação na maioria das mesorregiões.

Assim, foi possível verificar diferenças no padrão espacial de cada atividade, assim como disparidades entre as estruturas produtivas das mesorregiões brasileiras. De um lado, tem-se aquelas mesorregiões localizadas no Norte, Nordeste e em parte do Centro-Oeste que tem uma estrutura produtiva bastante restrita se comparadas às mesorregiões do Sul e Sudeste, que apresentaram importante diversificação industrial e de serviços em suas atividades econômicas.

Neste ponto, é importante ressaltar que alguns autores afirmam que a diversificação produtiva de uma região é a medida mais eficaz para o desenvolvimento regional. Portanto, percebeu-se que o aporte da gestão pública, mais precisamente o Estado, deve atuar de forma mais decisiva no mercado regional e local dessas mesorregiões para fortalecer e expandir postos de trabalho principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, através de políticas públicas para desenvolver novas atividades econômicas nestes locais. Com isso, estimula investimentos privados e conseqüentemente a geração de emprego, riqueza e renda, passando de uma economia de estrutura especializada para uma economia de estrutura multiespecializada.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. In: FERRERA DE LIMA, J.; PIACENTI, C. A. (Orgs.). **Análise regional: metodologias e indicadores**. Curitiba/PR: Camões, 2012.

ALVES, L. R. **Distribuição das atividades econômicas e desenvolvimento regional em mesorregiões selecionadas do Sul do Brasil: 1970-2000**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Santa Cruz do Sul, 2008.

ALVES, L. R.; FERRERA DE LIMA, J.; SOUZA, C. C. G. Distribuição Espacial das atividades econômicas entre as mesorregiões do Brasil: 1970 e 2000. In: **Anais da VIII ENABER**, Juiz de Fora, 2010.

BAER, W. **A economia brasileira**. São Paulo: Nobel, 1996.

CASTRO, A. B. **7 ensaios sobre a economia brasileira**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

CLEMENTE, A.; HIGACHI, H. Y. **Economia e Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas, 2000.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

DELGADO, A. P.; GODINHO, I. M. Medidas de localização das actividades e de especialização regional. In: COSTA, J. S. (Coord.). **Compêndio de Economia Regional**. Lisboa: APDR, p. 723-742, 2002.

GREMAUD, A. **Economia brasileira contemporânea**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREMAUD, A.; VASCONCELLOS, M. A. S.; TONETO JUNIOR, R. **Economia Brasileira Contemporânea**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HADDAD, P. **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: ETENE-BNB, p. 207-286, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Divisão setorial das atividades econômicas**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: maio 2012.

ISARD, W. **Méthodes d'analyse régionale: équilibre économique**. Paris: Dunod, 1972. v. 1.

MEIRELLES, H. L. **Direito administrativo brasileiro**. 29. ed. São Paulo: Malheiros, 2004.

NEGRI, B. **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1996.

NORTH, D. C. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). **Economia regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.

NORTH, D. C. Alguns problemas teóricos a respeito do crescimento econômico regional. **Revista Brasileira de Economia**, n. 3, p. 25-38, set. 1961.

OLIVEIRA, D. V.; ROMANATTO, E.; CAMARGOS, R. M. Perfil do trabalho na indústria goiana segundo os dados da RAIS – algumas comparações entre 2005 e 2008. **Conjuntura Econômica Goiana**, n. 13, p. 24-30, mar. 2010.

PAIVA, C. Á. N. Desenvolvimento regional, especialização e suas medidas. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 89-102, 2006.

PIFFER, M. **A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do Estado do Paraná no final do século XX**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS. Ministério do Trabalho e Emprego. **Dados estatísticos secundários**. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: ago. 2012.

SMITH, A. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SOUZA, N. A. **Economia brasileira contemporânea: de Getúlio a Lula**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Artigo recebido em: 16/07/2013

Artigo aprovado em: 13/12/2013